

Fenômenos transicionais na apropriação da família adotiva¹

Cynthia Peiter

Psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise e do Grupo Acesso - Instituto Sedes Sapientiae; mestre em Psicologia Clínica pela IPUSP.

Resumo: Este artigo aborda o trabalho psicanalítico junto a crianças em transição do abrigo para a família adotiva, destacando peculiaridades do processo de luto neste momento no qual revivem rompimentos de vínculos fundamentais e, ao mesmo tempo, encontram-se na iminência de novas ligações afetivas. Traz um estudo da especificidade desta clínica como espaço de transicionalidade, que sustenta uma passagem, permite a elaboração de separações e conduz a novos investimentos afetivos.

Palavras-chave: Adoção (crianças); Fenômenos transicionais; Psicoterapia de crianças; Winnicott

1 Trabalho apresentado no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, em mesa formada pelo Grupo Acesso - Estudos, Pesquisa e Intervenção em Adoção da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae - SP, em setembro de 2008, em Niterói - RJ.

O delicado processo de desfusão entre mãe e bebê já foi extensamente descrito por diversos psicanalistas. Winnicott traz um novo olhar sobre esta etapa do desenvolvimento psíquico, ao observar a existência de um estado intermediário essencial nesta jornada do bebê, que viaja a partir de um estado em que está imerso na mãe, para outro estado onde se coloca em relação com ela, como um objeto externo e separado de si. (WINNICOTT, 1971)

Segundo o autor, esta descoberta da separação entre o bebê e sua mãe, que diferencia "eu" de "não-eu", e que culmina no doloroso abandono da onipotência, implica momentos de impacto com o real, que necessitam ser permeados pelo que denominou objetos transicionais. O bebê elege, como elemento facilitador desta passagem, algum objeto nas suas vizinhanças. Neste objeto, investe como sua primeira possessão - possessão não-eu: "algo que já não se confunde com o eu, sem chegar a ser um objeto plenamente separado e delimitado", conforme descreve Figueiredo (2003, p. 292). Tal tipo de investimento permite a retenção da onipotência até que o bebê seja capaz de defrontar-se com a objetividade.

Os objetos transicionais compreendem uma dimensão espacial, mas conforme salienta Green (1997), aludem a um caráter temporal. Assim, o termo transicional refere-se também a um simbolismo no tempo, permitindo a separação por meio de uma reunião potencial. Estes objetos sustentam uma passagem, fazendo referência a passado e futuro, definindo um espaço onde o sujeito futuro está em transição, conforme o autor. "Opondo a fantasia ao fato, objetos internos e externos, criatividade primária e percepção (...) descreve, assim, uma jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade." (GREEN, 1997, p. 71)

De forma que, como afirma Figueiredo (2003, p.209):

O objeto transicional é o ingrediente no campo da experimentação no que esta tem de transitividade, um campo de diferenças e similaridades, proximidades e distâncias, uniões e separações, continuidade e intervalos. Mais do que apenas elos de ligação, os objetos transicionais são os vínculos que permitem trânsito entre os elementos da experiência, dando-lhe, ao mesmo tempo, continuidade e variedade.

Neste trabalho, faço um estudo do surgimento dos fenômenos transicionais em momento específico da vida de crianças que são adotadas mais tarde, o que implica certas peculiaridades no processo de separação e de estabelecimento de ligações afetivas. Quando uma criança é colocada mais tarde em adoção, os momentos de novas ligações libidinais também são, paradoxalmente, reedições de separações de vínculos fundamentais.

As crianças brasileiras, adotadas mais tarde, após terem atingido dois anos de idade, haverão percorrido caminhos de vida bastante diversificados. Podem haver vivido desde pequenas aos cuidados de abrigos, ou podem também haver se afastado dos pais biológicos mais tarde, havendo convivido com pelo menos a mãe, por algum período de sua vida. Muitas vezes circulam entre familiares, vizinhos ou até conhecidos da família. Algumas são colocadas nas instituições de abrigos temporariamente, na esperança de que a situação da família se organize de forma a recebê-las de volta. Até que esteja em condições jurídicas de adotabilidade, a criança pode haver vivido em diferentes lares ou, até mesmo, convivido em mais de uma instituição de abrigo. Na maior parte das vezes, temos poucos dados a respeito de seu percurso prévio à institucionalização ou à adoção.

Winnicott (1950) afirma que quando não temos acesso à história progressiva da criança, só podemos saber a que grau de privação ela teria sido submetida, quando oferecemos novos cuidados e observamos como ela pode tirar proveito do novo ambiente. Em suas palavras: "A única maneira de determinar se havia, de fato, um ambiente suficientemente bom nos primeiros tempos, consiste em prover um bom ambiente e observar que uso a criança pode fazer dele." (WINNICOTT, 1950, p.198) Assim, a maneira como cada criança terá vivido a ruptura com os pais biológicos não pode ser generalizada e tampouco conhecida de antemão.

A destituição do poder familiar, que coloca a criança em condições jurídicas de adotabilidade, é um processo complexo que leva bastante

tempo, de tal forma que muitas crianças somente estarão disponíveis para a colocação em adoção em idade mais elevada do que espera a maioria dos brasileiros interessados em adotar. Isso traz à tona um problema social de nosso país, que se refere à questão do abandono de crianças. A possível colocação em famílias adotivas se apresenta como uma das formas possíveis de garantir um direito à convivência familiar para estas crianças. Entretanto, a adoção envolve delicadíssimo processo psíquico de filiação, que não pode ser compreendido unicamente como uma saída para a complexa problemática social do abandono.

Enfim, as crianças que são adotadas mais tarde haverão atravessado períodos significativos de suas vidas no convívio institucional, tecendo importantes vínculos afetivos de diferentes naturezas, provavelmente transitando entre diversos cuidadores, e possivelmente sofrendo relevantes rupturas afetivas, seja dos pais biológicos, seja dos que dela cuidaram no período prévio à adoção. Esta transição implicará separações e o reviver de rompimentos de laços afetivos. Fundamentada nas teorias que apresentarei a seguir, arrisco-me a presumir que tais experiências trarão peculiaridades na constituição dos novos vínculos familiares, demandando cuidados especiais nesta passagem.

Sobre as vicissitudes do rompimento de vínculos quando do afastamento precoce entre crianças e seus pais, apresento algumas referências psicanalíticas.

Para Freud, que já estudara os movimentos psíquicos de perdas afetivas, em *Luto e melancolia* (FREUD, 1915), os processos envolvidos na ocasião da perda de um objeto amado demandam tempo e considerável trabalho por parte do ego, no qual há uma lenta retirada das ligações libidinais, dirigidas ao objeto perdido. Diz ele que o luto profundo, ou a reação à perda de alguém que se ama, encerra um estado de espírito penoso onde se observa a perda de interesse pelo mundo externo, assim como a perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor.

No processo descrito por Freud, lembranças e expectativas vão sendo evocadas, hipercatexizadas, e isoladamente irão sendo descatexizadas, até que a libido esteja livre novamente para novos investimentos. Somente após o percurso deste longo processo, o ego se encontrará novamente livre para novos investimentos afetivos.

Winnicott (1958), tendo trabalhado com crianças afastadas de seus pais no período da Segunda Guerra, afirma que a complexidade do processo de luto, conforme descrito por Freud, não poderá ser vivida quando se trata de uma perda sofrida por crianças muito pequenas, pois ainda não há uma organização psíquica capaz deste tipo de elaboração. Segundo suas palavras:

É possível, às vezes, demonstrar que a perda do seio e da mãe ao mesmo tempo pode resultar num estado de coisas em que a criança perde não só o objeto, mas também o aparelho para usar este objeto, ou seja, a boca. A perda pode ir mais fundo e envolver toda a capacidade criativa do indivíduo, de modo que ocorre não tanto uma desesperança quanto à redescoberta do objeto, mas uma desesperança baseada na incapacidade de sair em busca de um objeto. (WINNICOTT, 1958, p.150-151)

Ampliando a compreensão dos efeitos psíquicos do desinvestimento materno, Green (1980) introduz uma dimensão metapsicológica para o entendimento desta questão, com o conceito do complexo da mãe morta. Assim, segundo sua concepção, o abandono psíquico, em momentos precoces da constituição da subjetividade, tem como consequência, um espaço em branco que expressa uma perda a nível narcísico, na forma de "buracos psíquicos", deixando uma marca indelével no sujeito.

O mecanismo proposto por Green (1980) é descrito da seguinte forma: o objeto perdido sofre um tipo de encapsulamento, e seu traço fica perdido através da descatexia. A identificação primária com a mãe é transformada em identificação com o vazio deixado pela catexia, processo que denominou identificação negativa. De modo que este lugar fica ocupado por um vazio, impedindo a realização de novos investimentos afetivos, ou implicando em dores a cada investimento positivo no relacionamento com os outros.

A perda do seio ou do objeto configura um contexto diferente de uma mutilação que poderia se considerar sangrenta, afirma Green: "Ela tem as cores do luto: preto ou branco. Preto como uma depressão grave, branco como nos estados de vazio aos quais se dá agora uma atenção justificada." (GREEN, 1980, p.152) Desta forma, aquilo que denomina

a categoria do 'em branco' - alucinação negativa, psicose em branco, luto branco, todos referidos ao que poderíamos chamar a clínica do vazio ou a clínica do negativo, são o resultado de um dos componentes do recalçamento primário: um desinvestimento massivo, radical e temporário que deixa traços no inconsciente sob a forma de buracos psíquicos. (GREEN, 1980, p. 152)

Certa paciente de Winnicott parece ilustrar apropriadamente este mecanismo proposto por Green. Tendo vivido, na infância, abrupta separação de seus pais, opunha-se fortemente a chamar qualquer pessoa que dela cuidava de alguma designação familiar como tio ou tia. Negava-lhes, na verdade, qualquer nome, dizia Winnicott, "o que era senão a maneira negativa de recordar a mãe e o pai". (WINNICOTT, 1971, p. 40)

O referido sentimento de vazio ou de ausência, conforme Winnicott, tornara-se o "substrato para o real", como uma maneira de integrar a própria experiência que "nostalgicamente pertence ao precário ponto de apoio que

uma pessoa pode ter, na representação interna de um objeto perdido". (WINNICOTT, 1971, p. 41)

Do ponto de vista de Green, a contribuição de Winnicott é mostrar como este negativo, que aponta para a não existência, tornar-se-á, num determinado momento, a única coisa real. (GREEN, 1997.)

Assim, Green (1997) observa que a questão da negatividade encontrava-se evidente já no pensamento winnicottiano no livro *O brincar e a realidade* (1971). Para Green, o citado livro faz referência intuitiva ao trabalho do negativo, especialmente quando Winnicott afirma que os objetos transicionais se definem pela primeira possessão não-eu, indicando assim um tipo especial de negatividade.

Contudo, Green observa que os objetos transicionais adquirem uma dimensão não patológica de seu conceito de negativo, estando incluídos entre os processos normais do desenvolvimento. De forma que a caracterização winnicottiana do objeto transicional como a primeira possessão não-eu "propõe um ângulo ao conceito de objeto diferente de suas concepções positivas usuais, quer como um objeto de satisfação de uma necessidade, como um objeto do desejo ou como um objeto fantasiado. O objeto aqui é definido como um negativo do eu..." (GREEN, 1997, p. 71) Em sua concepção, os objetos transicionais, podem ser compreendidos como uma versão do negativo que escapa da patologia e permite novos investimentos libidinais, proporcionando esta necessária jornada em direção a novos investimentos objetivos.

Entretanto, tal utilização do objeto transicional não pode ocorrer quando o afastamento da mãe se prolonga demasiadamente, ou seja, quando o objeto demora demais para ressurgir. O prolongamento exagerado da ausência materna, de acordo com Winnicott, provoca o esmaecimento da representação interna da mãe, sem esperança de seu retorno, e o objeto é descateixado. (WINNICOTT, 1971) Mesmo que mais tarde o objeto possa reaparecer, sua realidade ainda está relacionada à sua não existência,

sob a experiência de vazio, de vácuo ou desolação. E neste caso, o objeto transicional também perde sua função e seu sentido.

Na compreensão de Green o retorno do objeto também não é suficiente para remediar os desastrosos efeitos de sua longa ausência, de modo que "a não existência toma parte de sua mente, apagando as representações do objeto que precederam sua ausência". (GREEN, 1997, p. 84)² Segundo este autor, na separação momentânea entre mãe e bebê, a representação materna pode ser substituída por uma estrutura introjetada de enquadramento, de holding, como um "receptáculo do eu" (1980, p. 171), análoga aos braços da mãe. Esta estrutura pode tolerar a ausência de representação dando sustentação ao psíquico, desempenhando este papel de "continente do espaço representativo" (1980, p.171) e mantendo cativa a imagem da mãe, contra seu desaparecimento. De forma que desempenha o papel de uma "matriz primordial dos investimentos futuros" (1980b, p.265).

Ao falarmos de crianças abrigadas a espera da adoção, pouco sabemos sobre sua história de vínculos, como já afirmei anteriormente. Entretanto, a observação da sua singularidade, através da relação clínica transferencial, pode nos aproximar da forma como viveram seus vínculos e as separações³. A transição da criança do abrigo para a família adotiva atualiza experiências de rompimentos de vínculos. Esta reedição de separações, se acompanhada clinicamente, permite sua apreensão na relação transferencial e desta forma pode se configurar como momento precioso para intervenção. Pensamos na função desta clínica como espaço possibilitador de recursos para a tolerância à ausência de representações diante de separações, como um possível continente do espaço representativo, como mencionado por Green (1980). De forma que este trabalho sugere possibilidades de reconstrução de possibilidades de reinvestir objetos, possivelmente ameaçadas nesta passagem.

2 Para os dois autores, o mecanismo operante é a descatexia. Porém, Winnicott afirma que a demora para o reaparecimento do objeto leva a um esmaecimento da representação interna. Para Green, o processo ocorre pela destrutiva alucinação negativa do objeto (GREEN, 1997).

3 O próprio "complexo da mãe morta" foi observado por Green somente através de evidências transferenciais (1980).

O acompanhamento de crianças voltado aos cuidados psicológicos neste momento, conforme levantamento realizado por Mendes (2008) e Peiter (2007), parece-me uma prática ainda em construção em nosso país, havendo poucos trabalhos dedicados ao tema em publicações nacionais.

Os estudos de Ozoux-Teffaine (1989, 2004) oferecem interessante trabalho psicanalítico junto a crianças, na França, e trazem muitas questões também observadas e trabalhadas em minha experiência clínica.

Neste setting terapêutico, que envolve lutos peculiares e reconstruções, observa-se a instalação de deslocamentos transferenciais facilitadores, tanto dos necessários processos de luto dos objetos originários, como da apropriação da nova família.

A experiência clínica aqui relatada, assim como a prática de Ozoux-Teffaine, nos mostra como a criança revive a história de vínculos originários e de separações, expressando angústias e temores que trazem a marca do abandono psíquico já vivido, que se deslocam transferencialmente no setting analítico.

Observa-se também, a gradativa instalação de um processo reconstrutivo aonde caminhos da organização psíquica vão sendo revividos, buscando um resgate narcísico, que nesta experiência foi observado sob a ótica winnicottiana, nas funções maternas de holding, handling e apresentação de objeto. O papel do terapeuta configura certa ambivalência, quando remete a criança tanto aos vínculos passados como aos futuros pais, e evoca dupla expectativa: o temor de reviver vínculos traumáticos e a esperança de um novo ambiente, capaz de prover as condições necessárias para o desenvolvimento emocional da criança.

Desta forma, quando o espaço terapêutico remete a criança a imagens familiares subjetivas e, simultaneamente, antecipa a apreensão da nova família, aponta para a já referida noção de transicionalidade (WINNICOTT, 1971). Este papel, sustentado pelo vínculo transferencial, permite reviver e

reelaborar o que, de início, foi traumático e, ao mesmo tempo, oferece nova possibilidade de sustentação psíquica. Tal qual um objeto transicional torna-se um espaço que permite a articulação entre movimentos subjetivos e a apresentação de uma nova realidade.

O caso Joana

Gostaria agora de apresentar resumidamente algumas passagens do processo psicoterápico desta menininha de 3 anos que chamarei de Joana, que nos procurou buscando preparação para a adoção. A criança foi trazida à Clínica do Instituto Sedes Sapientiae, em busca dos serviços do Grupo Acesso - Estudos, Pesquisa e Intervenção em Adoção, em função de uma determinação judicial para seu acompanhamento psicológico. O caso foi recebido para acompanhamento psicoterápico, tendo como queixa a relutância desta criança em aceitar a colocação em família adotiva.

Em nosso primeiro encontro ela só entra em minha sala acompanhada pela monitora. Parece bastante assustada, procurando me ignorar. Mantém-se parada em pé absolutamente imóvel. Muito discretamente, vai movendo os pés, dirigindo-se à porta, como quem foge discretamente de um animal muito perigoso. Nos encontros seguintes mostra-se bastante arredia e chora muito para entrar na sala. Nestes encontros permanece no corredor, observando-me com o canto dos olhos, com um misto de temor e curiosidade e eventualmente deixando cair algumas lágrimas silenciosas. Quando consegue entrar, traz consigo lençinhos de papel que a acompanhavam em suas vindas. Tais lençinhos ocuparam um importante papel nas sessões desde o início. Sempre se despedia da responsável com eles e entretinha-se com a brincadeira de tirá-los do plástico e tentar recolocá-los na embalagem. Nunca conseguia, pois o plástico já se encontrava rasgado. Este acabava por ser um dos momentos em que concedia que eu me aproximasse um pouco, permitindo que eu fizesse, com sua ajuda, um envelope de papel para guardá-los. Certa vez, fiz um comentário sobre os lenços que saíam da sua casinha e depois não

conseguiam mais voltar para dentro dela e acrescentei que ela talvez temesse sair de sua casa, ficar perdida e não voltar mais.

Assim, os primeiros contatos exigiram uma aproximação delicada. O lugar de terapeuta, ainda nebuloso, de início parecia sugerir o lugar ocupado pela família adotiva que a menina pouco conhecia, mas frente a qual demonstrava muitos medos. A partir da angústia demonstrada, pudemos supor o grau de terror vivido por esta menina perante a idéia de sua colocação em família adotiva. Presumimos que esta circunstância a levava a uma já experimentada situação psíquica de abandono. A angústia demonstrada parecia nos remeter ao pavor de angústias impensáveis, quando a separação se fazia iminente e a ameaçava com a experiência de vazio, talvez "familiar". Temores não compreendidos, que se apresentavam, por exemplo, na conduta defensiva que a fazia sorrateira e silenciosamente querer fugir daquela situação, em minúsculos passinhos, também sugerem o que Green (1980) descreve através da teorização sobre o complexo da mãe morta. Supunha que o lugar atribuído à terapeuta, ao invés de ligar-se a uma mãe adotiva possivelmente acolhedora, a remetia a um objeto perigoso, identificado com a imagem da "mãe morta" descrita pelo autor. Como teoriza Green (1980), o objeto materno ausente ocupa um lugar, mas torna o indivíduo incapaz de novos relacionamentos afetivos, não somente em função de ambivalências em relação ao objeto, mas porque seu amor encontra-se hipotecado a esta "mãe morta", capaz de desinvestimentos sentidos como abandono psíquico.

O trabalho que se iniciava com os lencinhos, levou à instalação de um ambiente de holding para a sustentação das fortes angústias. A construção de envelopes, que evoluiu para bolsinhas e logo foi se estruturando como um ritual, remetia à necessidade de um invólucro que a revestisse de um enquadramento capaz de contenção e de sustentação ao espaço psíquico.

Após alguns meses de psicoterapia, tatuagens na pele foram sendo adicionadas ao seu ritual: pedia a bolsinha e depois solicitava que eu

desenhasse figuras em suas mãos, ou colasse objetos e etiquetas em sua pele. Desta forma, saía das sessões sempre com diversos elementos colados em seu corpo.

Foi um período onde emergiam experiências muito primitivas, baseadas na inscrição corporal de marcas - tatuagens, colares, pulseiras, etiquetas - que a menininha levava impressas em seu corpo, sugerindo a busca de marcas identificatórias, que tinham início por um revestimento corporal.

O conceito winnicottiano de *handling* (1962), que descreve a implicação da figura materna na tarefa de manejar o corpo do bebê de forma a proporcionar a instalação de uma trama psicossomática, vem nos ajudar neste momento. Como um dos importantes aspectos da função materna e de sua contrapartida no percurso da construção do self, este nos pareceu um recurso absolutamente necessário para o restabelecimento de garantias de não despedaçamento, neste momento de vida, marcado pelas separações e pelos novos vínculos.

O brincar com os lencinhos/envelopes/bolsinhas também significava uma tentativa de entremear o impacto com aquela realidade ameaçadora das separações, através de objetos que lhe trouxessem segurança.

Brincar de separações e ligações era a tarefa diária.

A bolsinha, com os lenços e outras coisinhas, era levada e trazida a cada sessão, oferecendo-lhe garantias e segurança para os momentos de separação em suas idas e vindas. A necessidade de espaços intermediários, para esta menina, revelou-se como fator essencial para a possibilidade de mudanças, tendo em vista que os primeiros encontros também não ocorreram na sala de atendimento. Foi preciso que, durante algum tempo, ela ficasse no corredor, mantendo a porta da sala aberta, situando-se em um espaço, entre dentro e fora. Mesmo após entrar na sala, precisávamos ainda contar com a presença da educadora lá dentro. Isso denota a importância destes espaços transitórios para que ela pudesse apropriar-se das novas experiências. Assim, nosso brincar, como também o uso dos objetos lenço/

envelope/bolsa, adquiriram função e uso equivalentes aos objetos transicionais. Seu uso configura-se em interessante veículo para que pudesse ir e vir, permitindo afastamentos e ligações, como um fio condutor e reassegurador da continuidade e a manutenção de representações.

Já com a confiança e amadurecimento de nosso vínculo, ela começou a introduzir temas ligados à adoção e à chegada da família adotiva. Esta perigosa tarefa foi ocorrendo em conversas sobre figurinhas que iam surgindo na atividade de folhear e recortar revistas que ela trazia consigo da sala de espera. Ela limitava-se a ouvir quieta e imóvel, sem demonstrar reação alguma. As sessões seguiam os mesmos rituais das tatuagens, a bolsa e as figurinhas, mas, a partir daí, ela trouxe uma curiosa novidade.

Tomando algumas figuras nas mãos, começou a buscar nas revistas o lugar de onde teriam saído. Buscava o espaço vazio de onde recortara a figura. A partir daí despontava seu interesse no lugar de origem das figuras, evocando um lugar psíquico que a remetia ao vazio de sua origem, ocupado pela figura materna ausente. Enfim delineava sua curiosidade sobre as próprias origens e seus destinos - de onde eu vim e para onde vou então?

Neste momento, começaram a surgir mudanças em nosso vínculo e teve início um período de choro. Falar explicitamente da adoção, de suas dores, dando voz a seus medos, agora a deixava insegura sobre seu destino e sobre o vínculo comigo, trazendo à tona fantasias nebulosas ligadas aos vínculos originários e principalmente sobre suas rupturas.

Estava colocada a questão sobre as suas origens e um enigmático e imprevisível futuro. Goldstein (1997) afirma que em toda análise, em algum momento, o trabalho irá reeditar a vivência de fusão e a experiência de corte. O que apresentamos agora evidencia o momento do corte da ilusão vivido com intensidade. Mas, conforme observamos, a experimentação destes sentimentos, sustentada pela presença da analista, permite um estado de desilusão tolerável e eficaz para uma aproximação com a realidade.

Neste ressurgimento da ameaça de separação, o holding promovido pelo setting foi elemento essencial, nos moldes da já referida estrutura de enquadramento proposta por Green, que analogamente aos braços da mãe permite a sustentação da representação interna do objeto, impedindo seu esmaecimento e promovendo a esperança de um retorno à "presença" (1997, p. 83).

Após algum tempo com o vínculo estremecido, tem início uma transformação. Certo dia começa a falar espontaneamente nas sessões, lembrar-se de acontecimentos do nosso passado, passando a explorar coisas que nunca havia ousado tocar, como os animais da caixa, perguntando-me seus nomes. Ficou, repentinamente, muito espontânea. Vasculhando sua caixa, encontrou os lencinhos e deu um sorriso, elaborando e re-significando experiências e tecendo ligações entre passado e futuro.

Havia surgido um trânsito mais livre sobre as questões da adoção e de seus destinos, através do brincar que lhe abria possibilidade de estabelecer outra vinculação com as mudanças de sua vida. O contexto da adoção, das separações e os novos vínculos, parecem ter sido colocados em jogo e, principalmente sob seu domínio, nesta área intermediária da experiência, onde já é possível a apropriação da realidade externa. Convidada a brincar sobre este tema, Joana tornou-se capaz de encontrar significações e, conseqüentemente, alívio para suas angústias. Tudo isso, permeado de um brincar bem humorado e prazeroso, nos remete a restaurações de feridas que naquele momento já não traziam mais tanto sofrimento.

Compreendemos a experiência vivida dentro do espaço terapêutico em sua função transicional, intermediando e antecipando as futuras ligações com a família adotiva, que nesta experiência, eventualmente, surge como uma nova apresentação de objeto, de realidade externa. Observa-se a função do setting como este elemento de sustentação oferecido e utilizado por Joana como o espaço de transitividade capaz de ajudá-la na elaboração desta passagem de um universo a outro. O caráter temporal do objeto

transicional fica destacado nesta experiência, quando cumpre efetivamente a função antecipadora de um sujeito futuro.

Penso que, conforme salienta Green, os objetos transicionais possam surgir como esta versão esperançosa⁴ e não patológica do trabalho do negativo, como um caminho que conduz a novos investimentos, mantendo viva a função que denomina "função objetalizante". Tal função aponta para a capacidade, que portam os seres humanos, de criar novos objetos de forma a poder suprir o mundo interno de representações. (GREEN, 1997)

O panorama descrito sobre a história de vínculos e rupturas das crianças adotadas mais tarde pode eventualmente parecer desolador. Porém, acredito que este trabalho possa abrir novas perspectivas para este cenário, pois propõe alternativas para a possibilidade de outro destino para estas crianças. A adoção é uma das saídas possíveis para a situação de abandono no Brasil. Entretanto, compreendemos que não pode se tornar somente uma medida jurídica, sendo que o processo psíquico de filiação exige cuidados a mais. Assim, esperamos que esta exposição possa abrir novas perspectivas no cenário das adoções de crianças maiores e, também, para o complexo problema social do abandono em nosso país.

4 Utilizo o termo 'esperança' baseada na compreensão de Figueiredo (2007), onde o termo não trata de um estado consciente de otimismo, mas evidencia uma condição do aparelho psíquico que opera em planos inconscientes, aludindo à expectativa de continuidade do self, mas também refere-se "ao plano pulsional - o da sexualidade, incluindo libido e agressão, ligação e desligamento, identidade e diferença". (FIGUEIREDO, 2003, p. 171)

Transitional Phenomena in Adoption of Children

Abstract: *This study focuses the psychoanalytical approach to children when moving from social care to adoptive families, investigating the specific kind of mourning they experiment at this moment in which significant affection bonds will be disrupted and the construction of new emotional investment will be required. It demonstrates the role played by therapeutic support as a setting that enables the occurrence of a necessary transitional phenomena which will lead to new affection bonds.*

Keywords: *Adoption (children); Child psychotherapy; Transitional phenomena; Winnicott*

Referências

FIGUEIREDO, L.C. André Green lê Winnicott. In: BEZERRA B. & ORTEGA, F. (Orgs) *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007, p.288-314.

_____. *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003, 208 p.

FREUD, S. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

(1917). Luto e Melancolia, v.14.

GOLDSTEIN, R. Z. O objeto transicional de Winnicott: Uma nova categoria na teoria e na clínica? In: ABADI, S & OUTEIRAL, J. (Orgs) *Donald Winnicott na América Latina*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p.117-148.

GREEN, A. A mãe morta. In: *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 148-177.

_____. A mãe morta. In: *Narcisismo de vida e narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988, p.238-273.

_____. A intuição do negativo em O Brincar e a Realidade. 1997. In: *André Green e a Fundação Squiggle*. São Paulo: Roca, 2003, p.69-86.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, 552p.

MENDES, C.; PEITER, C. *Vínculos e rupturas na adoção: Do abrigo para a família adotiva*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado) - IPUSP 2007, 217p.

PEITER, C. Sobre preparação de crianças para adoção. In: GOMES, I. (Coord). *Família: Diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p.99-112.

WINNICOTT, D.W. (1950). A criança desapossada e como pode ser compensada pela falta de vida familiar. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.195-213.

_____. (1958). A Psicologia da separação. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.149-152.

_____. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O Ambiente e os Processos de maturação*. Rio de Janeiro: Imago, 1971, p.55-61.

_____. (1971). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971, p.13-44.

Cynthia Peiter

Rua Ferreira de Araújo, 221, cj. 83

Alto de Pinheiros - São Paulo/SP

(11) 3814 0742

cynthia.p@terra.com.br